

A PRESERVAÇÃO DA ESSÊNCIA PATRIMONIAL

Estudo sobre a ação da contemporaneidade no Real Gabinete Português de Leitura

PROJETO E TECNOLOGIA: FORMAÇÃO E PRÁTICA

Márcia Braga

Mestre em Conservação do patrimônio arquitetônico - UFRJ, e arquiteta sócia da empresa Decato

marcia@marciabraga.arq.br

Delfim Carvalho

Arquiteto e sócio da empresa Decato

delcarvalho.arq@gmail.com

Clarissa Senna

Pós-graduação em Economia e gestão da sustentabilidade na construção Civil - UFRJ, e arquiteta da empresa Decato

cladrums_arq@ymail.com

Como estudo de caso para o tema será adotado o edifício do Real Gabinete Português de Leitura, uma biblioteca em estilo Neomanuelino, construída em 1887 no centro do Rio de Janeiro.

A ideia da instituição abordada originou-se em uma reunião realizada por emigrantes portugueses no Rio de Janeiro, sendo a maioria composta por comerciantes da praça e perseguidos pelo Absolutismo em Portugal; que resolveram criar uma biblioteca para ampliar os conhecimentos de seus sócios e dar oportunidade aos portugueses residentes na então capital do Império.

A importância do edifício em questão, desde seus primórdios, vai além da esfera global; atingindo também questões mais intrínsecas nos âmbitos nacional, local e social.

No que diz respeito à esfera global, o local, apesar de ter sido um refúgio literário e uma evocação às tradições portuguesas na época, ao decorrer das décadas passou a não ser mais procurado apenas por seu uso como biblioteca. Com a globalização atrelada à sua intuitiva e progressiva necessidade de expansão, bem como de conhecimento do mundo como um todo, a instituição tornou-se um foco turístico; ainda sim por sua funcionalidade, mas muito mais pelo chamariz de sua bela arquitetura em estrutura metálica, fachada em pedra de Lioz, seus vitrais, elementos decorativos e pinturas artísticas, além da bagagem histórica à qual foi atrelada.

Em menção às questões nacionais, o edifício carrega consigo uma forte questão histórica do período do Império no Brasil. Na época de sua construção, a necessidade de evocação às raízes e tendências de Portugal eram tão fortes, que uma das principais motivações para tal, foi a de comemorar o tricentenário de morte do poeta português, Luís de Camões (1880). Em sua fachada ficaram alocadas as estátuas de quatro ilustres portugueses, de autoria de Simões de Almeida: Pedro Álvares Cabral (1467 - 1520), Luís de Camões (1524 - 1580), Infante Dom Henrique (1394 - 1460) e Vasco da Gama (c. 1468 - 1524); criando assim, uma límpida lembrança de alguns ícones da história da colonização brasileira e suas influências.

No que diz respeito aos âmbitos local e social, a implantação do edifício na então capital do Império, mais especificamente na antiga rua da Lampadosa (atual rua Luís de Camões - Centro do Rio de Janeiro), tem peculiaridades a serem ressaltadas. Na época da implantação, o local e o edifício possuíam uma relação idônea, pois a área possuía características residenciais e comerciais bem intensas, tornando a instituição em total acordo com o espaço urbano no qual estava inserida. Hoje em dia, com a diminuição da identidade residencial, o Real Gabinete soma positivamente ao local em relação à segurança e movimentação na área, juntamente com o Largo de São Francisco, o IFCS¹ e a Praça Tiradentes, reformada a pouco tempo. Outro aspecto a ser mencionado, e que une as esferas local e social, é o fato de mesmo sendo uma instituição privada, a biblioteca estar aberta a todos os públicos de qualquer idade sem cobrar taxas de visitação; o que aumenta substancialmente a possibilidade de uso do espaço.

¹ Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Como muitas das edificações históricas, o Real Gabinete passou por algumas obras de restauração ao longo dos anos; e mais uma foi de suma importância no período de 2015 a 2017, dado o nível de degradação externa no qual se encontrava. Tendo como base os princípios básicos de proteção ao patrimônio: Conservação, Preservação e Restauração, nesta ordem, o Real Gabinete como patrimônio cultural tombado pelo INEPAC², foi então contemplado por um projeto e submetido a obras de restauro. Os enfoques foram em sua cobertura e fachada, que por hora ocasionavam problemas de infiltração e patologias cada vez mais gradativos e intensos no interior do prédio.

A estratégia de restauração adotada necessitou de um leque de profissionais qualificados com inúmeras e díspares especialidades; fazendo com que tudo funcionasse como uma grande peça orquestrada, onde pedreiros, analistas laboratoriais, vitralistas, escultores, restauradores, arquitetos, dentre outros, trabalhassem unidos em prol da sustentação daquele edifício.

As diretrizes adotadas para o projeto e obra foram baseadas intrinsecamente no equilíbrio entre as técnicas construtivas sob o aspecto histórico da época, e as inovações de leve e positivo impacto. Considerou-se sempre a opção que oferecesse maior facilidade de conservação e manutenção posterior, acarretando assim na autossuficiência da edificação. Seus locais de enfoque seguem a lógica a seguir:

Ponto 1 - Claraboias:

Construídas em estrutura de ferro fundido e fechamento em vidro aramado, as claraboias foram o ponto crucial restaurado, principalmente no que diz respeito à claraboia principal, localizada sobre o salão de leitura do Real Gabinete. Considerando que seu estado de degradação ocasionava vazamentos e infiltrações constantes no interior do salão (onde estão localizados a maioria dos livros), foi definido por bem, que os vidros aramados simples e fáceis de quebrar (Figura 1), deveriam ser substituídos por vidros laminados leitosos com proteção contra os raios UV (Figura 2). Tal medida além de oferecer mais resistência à claraboia, ainda agregou valor no que diz respeito aos aspectos de conforto ambiental e sustentabilidade, uma vez continuou a ser um ponto de iluminação natural eficaz e reduziu substancialmente a absorção de calor pelo material.

Algumas técnicas originais como a de sobreposição dos vidros, bem como a configuração e a forma de fixação dos mesmos com perfis metálicos, foram mantidas (Figura 3). Sobre os elementos agregados: 1- foram inseridos os perfis metálicos sobre a junção do vidro com a estrutura (Figura 3), visando uma melhor vedação do fechamento; 2- foram instalados passadiços metálicos sobre a estrutura (Figura 4), afim de facilitar a manutenção do mesmo; e 3- as calhas em cobre foram reproduzidas por um escultor especialista no material (Figura 5), ação tomada após a mesmas passarem por processo de recuperação com resultados negativos, sendo julgadas ineficazes. Todas as novas medidas adotadas foram analisadas tanto pelo arquiteto autor do projeto, quanto

² Instituto Estadual do Patrimônio Cultural.

pelos responsáveis da obra, juntamente com o órgão de proteção ao qual pertence (INEPAC); sempre em prol da facilidade de manutenção e conservação da edificação.

Ponto 2 - Vitrais:

Abaixo das principais claraboias existem os vitrais, que por sua vez somaram para a degradação funcional e visual do Real Gabinete. A majestosa obra tinha virado então um foco de perigo tanto para a construção quanto para os usuários do local, dada a quantidade de vidros quebrados ocasionando vazamentos, e prestes a cair em qualquer usuário em momento infortúnio. Além dos vidros quebrados, foi observado que ao longo das décadas, foram feitos reparos e trocas de vidros sem fiscalização adequada, resultando na transformação daquela bela malha de vidro composta por cores primárias, em uma malha retalhada, contendo variações cromáticas indevidas (Figura 6).

Como medida de recuperação daquele ponto de contemplação, foi acordado a troca de todos os vidros fazendo a reconstituição real (Figura 7), na tentativa de resgatar a experiência sensorial para o qual aquele vitral fora projetado. Pois muito além de um símbolo histórico, a arquitetura também oferece essa troca de sensações de conotações diversas.

Assim como provavelmente todos os materiais que compuseram a biblioteca na época de sua construção, os novos vidros também foram encomendados no exterior, uma vez os mesmos com a qualidade e propriedade adequadas possuem um mercado ainda fechado, porém acessível.

Ponto 3 - Telhados:

Outro ponto causador de infiltrações e patologias, foram os diversos telhados que compõem o edifício. Para esses, foram necessárias apenas a revisão da estrutura em ferro e de suas telhas, das quais cerca de 75% foram mantidas originais, optando-se por alocar as novas (com as mesmas dimensões e características) em locais de pouca ou nenhuma visibilidade pelos transeuntes. Algumas medidas novas agregadas em função de uma manutenção segura e eficaz, foram: 1- a inserção de passadiços em concreto, ancorados nas telhas e demarcando um percurso acessível que interliga toda a cobertura (Figuras 8 e 9); 2- a instalação de escada metálica facilitando a passagens dos variados níveis dos telhados (Figura 10); e 3- a instalação de guarda-corpos em locais de alta periculosidade (Figura 11). Apesar da inserção dos novos elementos, todos foram estudados de forma a manterem certa coerência com a arquitetura, bem como a não competirem com os elementos de composição originais.

Ponto 4 - Fachadas:

A fachada de um edifício naturalmente torna-se o cartão de visita do mesmo, e no caso do Real Gabinete, foi outro ponto crítico restaurado com sucesso. Revestida inteiramente em pedra de Lioz

importada e talhada no Alentejo³, em Portugal, a mesma apesar de apresentar algumas patologias como crostas negras e pátinas biológicas, além de perdas volumétricas e superficiais, foi submetida inicialmente a algumas análises laboratoriais que confirmaram o bom estado estrutural de conservação da pedra.

Em todo o processo de tratamento da superfície, do diagnóstico às medidas de restauro, foram utilizadas técnicas contemporâneas, dada a ação negativa do entorno sobre o local; que década após década só ocasionou no aceleração do processo degradativo dos materiais, em níveis ambientais e sociais. Para as crostas negras, por exemplo, donas de grande expressão e visibilidade por aqueles que caminhavam pelos passeios, foram utilizados métodos químicos (Figuras 12 e 13). Tanto nessa ação como em todas as outras adotadas, foi sempre respeitada a linha limítrofe entre a proteção e a agressão material e ambiental, tentando de forma coerente ater-se ao aspecto histórico aliado às novas tecnologias, de forma responsável e saudosista.

Considerações finais:

É de suma importância mantermos sempre em mente, que na época em que a edificação foi erguida (1887), as condições sociais, ambientais e econômicas eram outras. Tal fato nos leva a crer veemente, que muitas vezes são necessárias novas análises sob aspectos físicos, materiais e ambientais para conseguir conservar e preservar um patrimônio da maneira mais adequada; sem que o mesmo tenha que ser submetido a processos de restauração, que muitas vezes podem ser bem agressivos e causar novos danos à edificação. Estamos de fato submetidos aos aspectos negativos e positivos de nossa contemporaneidade.

O papel do arquiteto restaurador nessa jornada, poderia ser equiparado ao de um maestro e sua orquestra, o agente catalisador que faz tudo funcionar. Aquele que tenta sempre harmonizar o que temos de mais valioso, que é a nossa identidade - a história viva diante de nossos olhos, perpetuada em forma de arquitetura; com o fruto de um avanço tecnológico alcançado ao longo da história da humanidade, e deveras difundido e desenvolvido por uma enraizada globalização acompanhada de sua consequente troca de informações e formações. O arquiteto seria por fim, “apenas” o arquiteto: o difusor e o intérprete que tem em mãos uma gama de novas possibilidades borbulhando, que se compreendidas em sua essência, poderiam reforçar os alicerces de nossa identidade patrimonial.

³ Região do centro-sul de Portugal.

Referências bibliográficas:

Braga, M. " Conservação e Restauro - pedra, pintura mural e pintura sobre tela". Rio de Janeiro: Editora Rio, 2003.

CETEM – Centro de Tecnologia Mineral – “Caracterização e avaliação das alterações das rochas da fachada do Real Gabinete Português de Leitura”. Rio de Janeiro: 2016.

Mascarenhas, A. “Ornatos: Restauração e Conservação”, coleção Artes e Ofícios, org. Cristina Lodi. Rio de Janeiro: Editora In-Fólio, 2008.

Munoz V., S. “Teoria Contemporanea De La Restauracion”. Espanha: Editora SINTESIS, 2004.

Oliveira, M. M. "Tecnologia da Conservação e da Restauração". Salvador: EDUFBA, 2002.

www.realgabinete.com.br/portalweb/In%C3%ADcio/ORealGabinete.aspx, acesso em 22/05/2017.

Anexos:



Figura 1 - Claraboia 1 em seu estado de degradação inicial (Autora: Clarissa Senna)

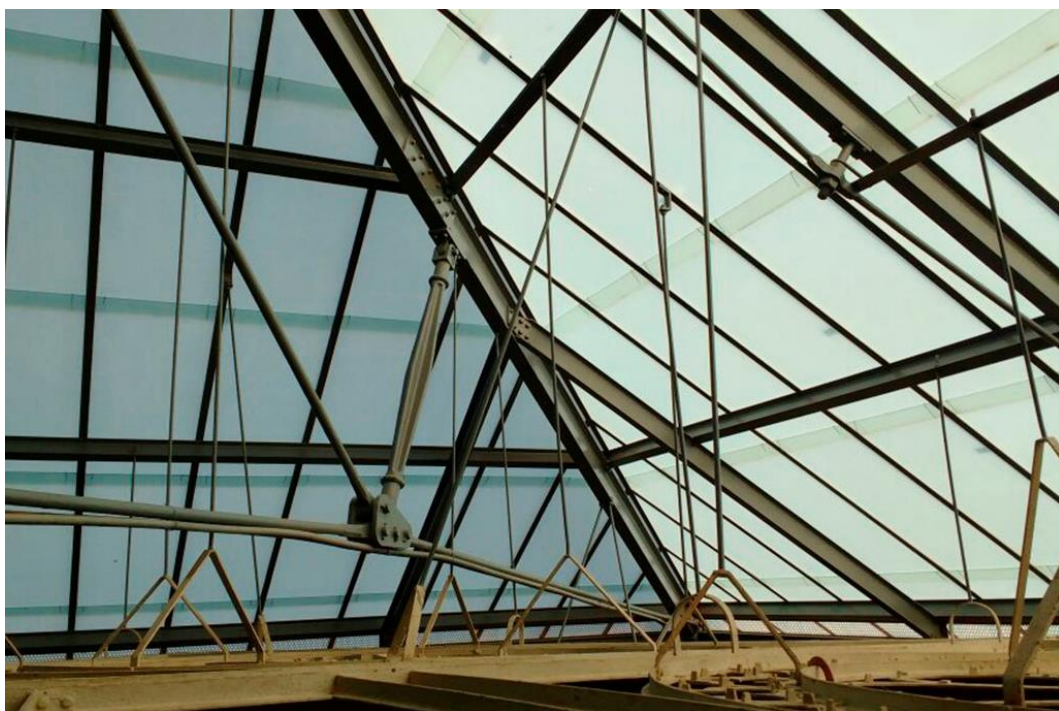


Figura 2 - Claraboia 1 após a instalação dos vidros laminados com proteção contra os raios UV (Autora: Clarissa Senna)

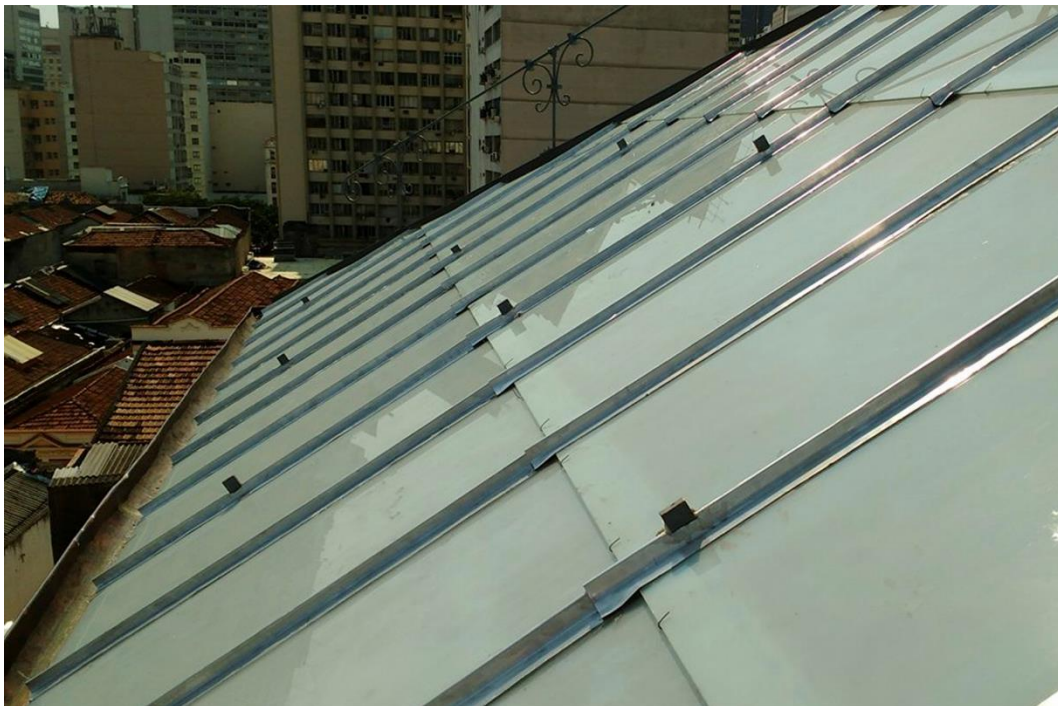


Figura 3 - Permanência da técnica de fixação dos vidros com ganchos metálicos e o novo perfil metálico de proteção sobre a junção do vidro com a estrutura (Autora: Clarissa Senna)



Figura 4 - Passadiço metálico sobre a claraboia 1 para a facilidade de manutenção da mesma (Autora: Clarissa Senna)



**Figura 5 - Novas calhas em cobre reproduzidas com as mesmas características das originais
(Autora: Clarissa Senna)**

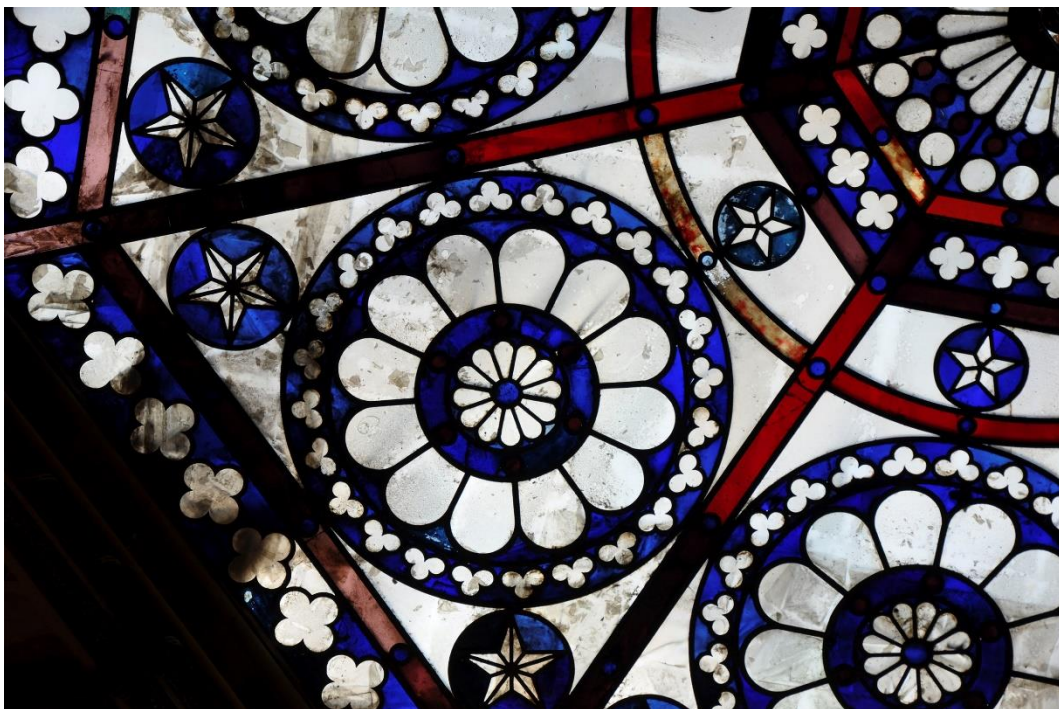


Figura 6 - Estado de degradação inicial e variações cromáticas do vitral 1 (Autora: Clarissa Senna)

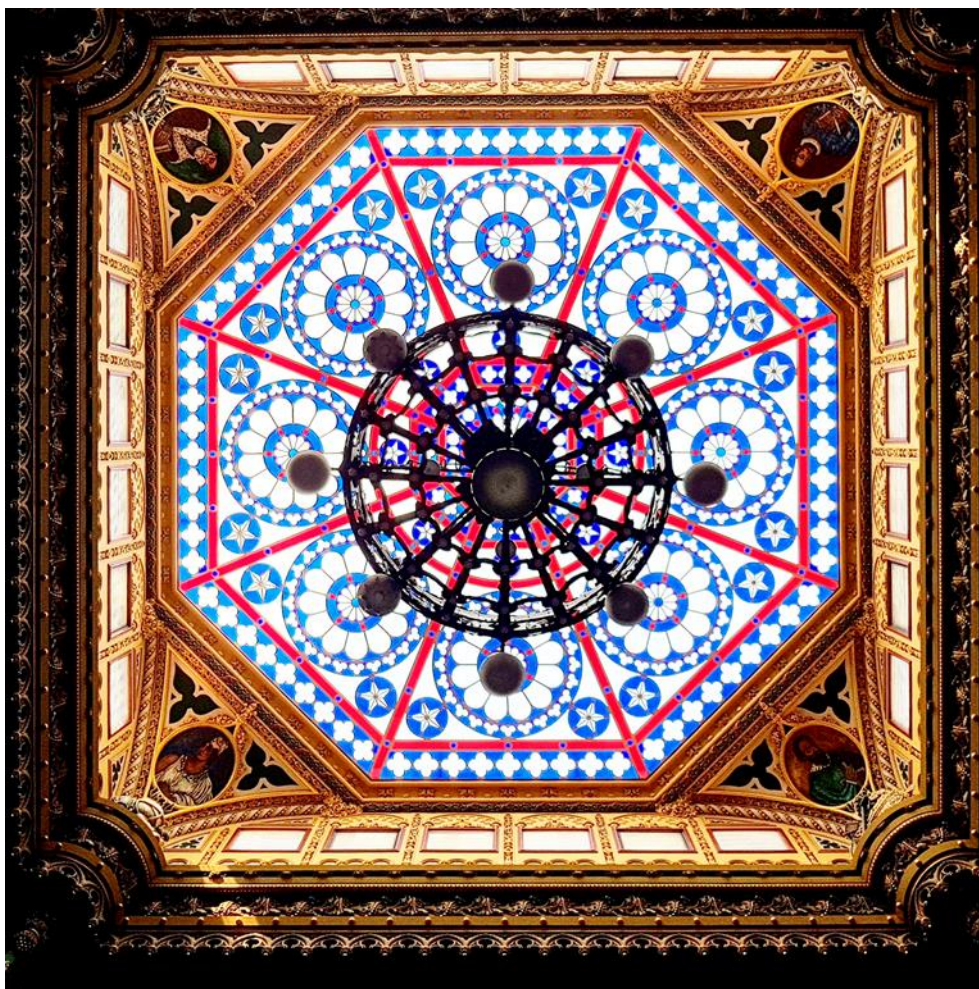
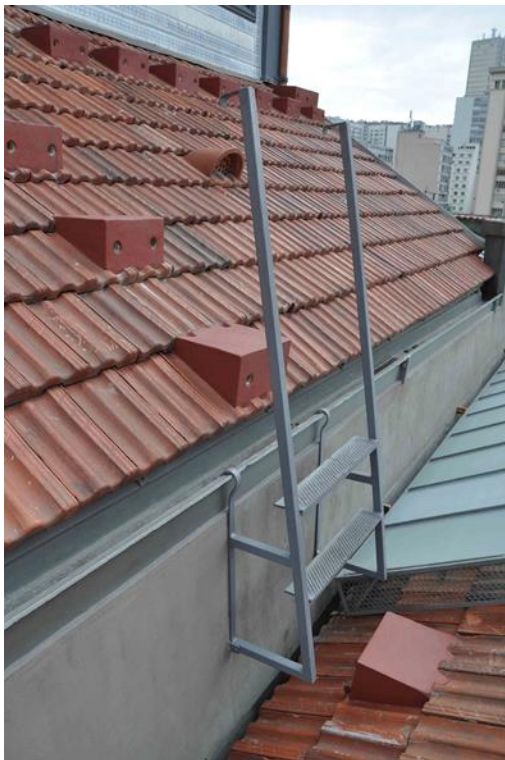


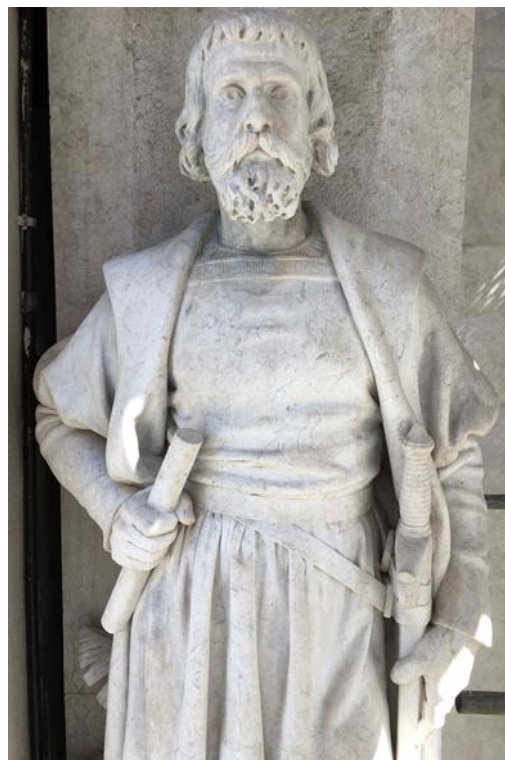
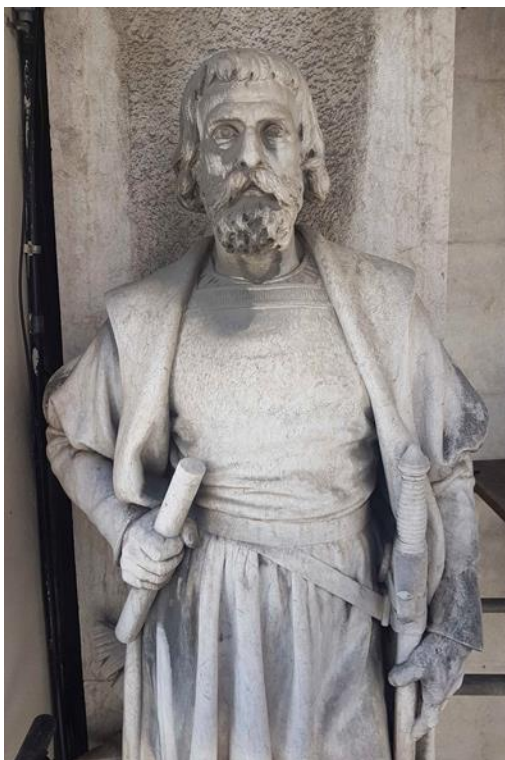
Figura 7 - Vitrail 1 após sua reconstituição com os novos vidros (Autor: Bráulio Gomes)



Figuras 8 e 9 - Sistema de ancoragem dos passadiços nas telhas, e exemplo da interligação entre os telhados promovida em toda a cobertura (Autora: Clarissa Senna)



Figuras 10 e 11 - Instalação de escada metálica facilitando a passagens dos variados níveis dos telhados, e guarda-corpo metálico promovendo melhor acesso a locais de alta periculosidade (Autora: Clarissa Senna)



Figuras 12 e 13 - Antes e depois da remoção das crostas negras com tratamento químico (Autoras: Márcia Braga e Clarissa Senna)